

Eu e Stephen Hawking

Jim Al-Khalili

Apresentar a uma plateia o cientista mais famoso do mundo é emocionante, mas ainda mais excitante é fazê-lo no Royal Albert Hall em Londres. Pois foi exactamente isso que eu tive de fazer há poucas semanas. O cientista em causa era, naturalmente, Stephen Hawking e, tal como acontece com as grandes estrelas do espectáculo, todos os 5500 bilhetes foram vendidos, e três vezes mais bilhetes teriam sido vendidos, se os houvesse.

Tratava-se de uma palestra pública rara e especial: a promoção do seu novo livro “A grande criação”¹. Antes, eu tinha trocado emails com Hawking através do seu PA e tinha perguntado sobre o conteúdo da palestra, e se ele planeava falar do que pensava sobre a existência de Deus — assunto que tinha sido divulgado nos media algumas semanas antes. Ele pediu-me se seria possível eu dizer algumas palavras esclarecendo a sua posição sobre este assunto, de modo a estar livre para se focar no que era de facto o assunto da palestra: a sua vida, a sua carreira, e a física que tinha ajudado a desenvolver.

Eu fiquei mais que feliz por satisfazer-lhe o pedido: acordei com ele fazer a seguinte declaração: “Stephen Hawking nunca defendeu que Deus não existe. Para ele, e esta é uma visão que também partilho, Deus é o nome que as pessoas dão à razão de estarmos aqui. Para ele, essa razão são as leis da física (ou leis da Natureza), em vez de um poder sobrenatural com quem possamos ter uma relação pessoal”.

Depois da minha apresentação, dei o lugar no palco a Stephen para que começasse a sua palestra. O que se seguiu foram oitenta minutos notáveis. Não tanto por aquilo que ele disse, mas porque quinhentas pessoas, não especialistas, ficaram como que hipnotizadas ao longo de uma palestra sobre tempo imaginário, singularidades do espaço-tempo, e teorias de unificação multidimensional. Certamente não terão seguido ou entendido a maior parte do que foi dito, mas esse é o efeito que Hawking tem sobre qualquer um. Pela mesma razão que milhões compram os seus livros, esta plateia estava contente por simplesmente estar na presença deste homem excepcional. De qualquer forma, a palestra foi altamente profunda, comovente e fascinante.

Depois de ele acabar tive que regressar ao palco para ler algumas das questões postas pelo público. No entanto, eu



Cortesia de Jim Al-Khalili

sabia que ele necessitaria de um ou dois minutos para introduzir as respostas no computador. A enfermeira, que veio ao palco comigo, combinou dar-me um sinal quando ele estivesse pronto, e eu fiquei de dizer qualquer coisa como “ok, good”, e depois contar uma piada. Mas à última hora decidi em vez disso contar “A minha história com Hawking”. Esta história diz o seguinte:

Há muitos anos, assisti a uma palestra em Cambridge dada por Stephen e o seu colaborador de longa data, Roger Penrose. Era a quinta e última de uma série de palestras que eles deram alternadamente nessa semana. Eu tinha decidido só ir à palestra final. No fim, o *chairman* perguntou se alguém do numeroso público que estava presente tinha perguntas a fazer. Eu estava sentado no fundo da sala, mas o meu braço ergueu-se mais depressa que o de qualquer outra pessoa, e como fui imediatamente notado fui convidado a levantar-me e a perguntar a Stephen Hawking a minha questão. Não me lembro exactamente o que era — qualquer coisa sobre a entropia de um buraco negro, acho. De qualquer forma, eu não estava particularmente interessado na resposta, mas queria mais parecer esperto e poder vir a gabar-me de ter feito uma pergunta a Stephen Hawking! De qualquer modo, assim que fiz a pergunta, e como fui o primeiro e não tinha ido às palestras anteriores, não sabia qual era a convenção: deveria permanecer de pé enquanto Stephen compunha a sua resposta? Ou deveria sentar-me? Escolhi permanecer de pé, sentindo-me e parecendo envergonhado e desajeitado. Depois do que me pareceu uma eternidade, a voz do computador ressurgiu à vida: “Sim”, disse, “esse assunto foi explicado na segunda palestra”. Só desejei que o chão me engolisse nesse momento.

Foi esta a história que eu contei no Albert Hall e a multidão pareceu apreciar, e, espero, o Stephen também. Obtive o sinal da enfermeira, coloquei as questões, e Stephen respondeu-as. A multidão aplaudiu vivamente e toda a gente saiu feliz.

1 S. Hawking e L. Mlodinow, “The Grand Design”, Bantam Books (2010)